



## A PASSAGEM DO “DEVER FAZER” AO “FAZER”

*Aplicação do sínodo no território  
(Comunicação do Presidente da CEAMA)*

Terminada a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Panamazônica, em outubro de 2019, a Igreja como um todo, mas de modo especial na Panamazônia, é convocada pelo Papa Francisco, no documento *A Querida Amazônia*, a pô-lo em prática. Diz o Papa: “Deus queira que toda a Igreja se deixe enriquecer e interpelar por este trabalho [do sínodo], que os pastores, os consagrados, as consagradas e os fiéis leigos da Amazônia se empenhem na sua aplicação” (QA, 4).

A partir daí, muitas assembleias, reuniões e encontros já foram realizados, dentro das condições da pandemia do novo *coronavírus*, para refletir e discernir sobre “o que devemos fazer”. Muito também já se escreveu sobre isto. Muitas entrevistas foram publicadas nos meios de comunicação e muito se conversou. Sempre sobre “o que devemos fazer”. Nisto somos bons. E importa muito. Porém, não basta. Ficariamos a meio caminho. É necessário passar do “dever fazer” ao “fazer”. Em vez de continuar somente a perguntar o que devemos fazer, como fazer, quando fazer, vejamos e estimulemos o que estamos fazendo, o que fizemos ontem. Pois, na verdade, muito já se fez e se está fazendo em termos de “aplicar” o sínodo no território. Ajudaria muito se conseguíssemos levar ao conhecimento de toda a rede “o que já se está fazendo”. Pois, queremos continuar a trabalhar em rede e sinodalmente. Sinodalmente, isto é, indo às comunidades, expondo-lhes os resultados do sínodo, escutando-as e com elas construindo “os novos caminhos”, para depois comunicar a toda a rede “o que estamos fazendo”. Todo este processo seja realizado à luz da Palavra de Deus e com muita oração. É o Espírito Santo quem nos deve conduzir.

O panorama territorial onde “fazer”, já o encontramos assinalado no *Instrumento de Trabalho* do sínodo: “A vida na Amazônia está ameaçada pela destruição e exploração ambiental, pela violação sistemática dos direitos humanos elementares da população amazônica. De modo especial, a violação dos direitos dos povos originários, como o direito ao território, á autodeterminação, à demarcação dos territórios e á consulta e ao consentimento prévios” (Inst.Lab., 14). Em conformidade com o que sobressai das múltiplas consultas realizadas em muitas regiões amazônicas, as comunidades consideram que a vida na Amazônia está ameaçada sobretudo: a) pela criminalização e pelo assassinato de líderes e defensores do território; b) pela apropriação e privatização de bens da natureza, como a própria água; c) por concessões madeireiras legais e pela entrada de madeireiras ilegais; d) pela caça e pesca predatórias,



principalmente nos rios; e) por megaprojetos: hidrelétricas, concessões florestais, desmatamento para produzir monoculturas, estradas e ferrovias, projetos mineiros e petroleiros; f) pela contaminação ocasionada por todas as indústrias extrativistas que causam problemas e enfermidades, principalmente para as crianças e os jovens; g) pelo narcotráfico; h) pelos consequentes problemas sociais associados a tais ameaças, como alcoolismo, a violência contra a mulher, o trabalho sexual, o tráfico de pessoas, a perda de sua cultura originária e de sua identidade (idioma, práticas espirituais e costumes) e todas as condições de pobreza às quais estão condenados os povos da Amazônia (Fr.PM)” (Inst.Lab.,15).

Conhecemos também as repetidas vezes em que o Papa Francisco solicita com insistência que se multipliquem os diáconos permanentes na região amazônica, que são muito escassos ali, bem como os ministros leigos e leigas dos vários ministérios instituídos, com destaque dos indígenas seja para diáconos seja para ministros leigos e leigas. Isso exigirá abrir escolas de diaconato permanente, de catequistas e dirigentes de comunidades, seja mulheres seja homens, agentes missionários com prática sinodal, bem como renovação sinodal do nosso atual clero e dos religiosos/as. Essas escolas por sua vez precisarão inovar e se inculturar seja na metodologia seja no currículo.

Citei só algumas tarefas. Muitas outras nos desafiam. Empenhemo-nos com alegria nesta missão, com a alegria do Evangelho (cf. *“Evangelii Gaudium”*, do Papa Francisco). Rezemos ao Espírito Santo para que mantenha aceso o fogo sinodal na Igreja Panamazônica!

Convido fraternalmente a REPAM a assumir junto este processo sinodal.

Para terminar, como disse acima, nos ajudaria muito se pudéssemos dar a conhecer a toda a rede eclesial e a outros “o que já se está fazendo”. **Por isto, lhes pedimos que, se possível, nos enviem o que vocês como jurisdição eclesiástica ou como instituição (em especial, indígena) estão realizando relativo aos compromissos, que assumimos na documentação final da Assembleia Sinodal da Amazônia de acordo com o questionário que lhes estamos enviando ([ver formato](#))**. Tudo isto nos ajudará enormemente a visibilizar, reconhecer, aprender, socializar e agradecer em espírito sinodal”.

*São Paulo, Festa de São Pedro e São Paulo, 29 de junho de 2021*



Cardeal Cláudio Hummes OFM

Presidente da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA)

